

DUARTE MACHADO REBELO FERNANDES CABAÇA

**ESTILOS DE VINCULAÇÃO E ESCOLHAS DE
PARCEIRO EM RELAÇÕES DE CURTA
DURAÇÃO**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Figueiredo Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e das Ciências da vida

Lisboa

2022

DUARTE MACHADO REBELO FERNANDES CABAÇA

**ESTILOS DE VINCULAÇÃO E ESCOLHAS DE
PARCEIRO EM RELAÇÕES DE CURTA
DURAÇÃO**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 26 de julho de 2022, perante o júri, com o Despacho de Nomeação N° 193/2022, de 13 de maio de 2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Beato
Arguente: Prof.^a Doutora Teresa Mendes
Orientadora: Prof.^a Doutora Isabel Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e das Ciências da vida

Lisboa

2022

Agradecimentos

À Prof.^a Doutora Isabel Santos, que me orientou neste longo caminho, pela sua motivação, pela sua disponibilidade e preciosa orientação que me permitiram saborear mais conhecimento e riqueza. Esta dissertação foi realizada durante um particular contexto de pandemia que criou condicionantes únicas ao longo deste processo. O empenho e dedicação da Prof.^a Doutora Isabel Santos foi determinante para a conclusão deste trabalho.

Às minhas figuras de vinculação, meus pais, base segura, que permitiram que todo este longo percurso fosse possível.

À Rita Costa Pires, minha companheira, que esteve incondicionalmente ao meu lado, com quem partilhei desde as mais profundas tristezas e inseguranças até às conquistas e alegrias. Sem ela não teria experienciado uma profunda vinculação amorosa e este trabalho não teria sido possível.

Ao meu irmão Gonçalo que do avesso do mundo me enviou palavras simples que se traduziram numa inesgotável força.

Ao Miguel Cervini, meu grande amigo, que me escutou durante muitas horas e emprestou a sua sensibilidade, compreensão e me encorajou sempre ao longo do tempo.

À Mariana, ao Eduardo, ao Moniz, ao Roberto e à Carminho que me acompanharam neste caminho e que, sem imaginarem, me deram vigor e motivação para o percorrer.

A todas as pessoas que participaram neste estudo e deram o seu valioso contributo no preenchimento dos questionários.

Resumo

A forma como os humanos escolhem os seus parceiros tem evoluído no tempo e os fatores envolvidos neste processo continuam a ser intensamente debatidos, tendo as preferências de parceiro merecido a atenção de inúmeros estudos. As investigações de Simpson e Rholes (2017) entre outros estudos, evidenciam uma forte relação entre a vinculação, preconizada por Bowlby, e as relações amorosas na idade adulta. Foi objetivo do presente estudo compreender a relação entre os estilos de vinculação e as escolhas de parceiro em relações de curta duração. Foram utilizados os questionários de Preferências de Parceiro de Buss, Escala de Vinculação no Adulto (EVA) e Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER). A amostra final incluiu um total de 524 participantes de orientação heterossexual, 129 do género masculino e 355 do género feminino. Através de uma análise fatorial exploratória aferiram-se três dimensões, (Emocionalidade, Recursos e Atratividade/Saúde), com adequadas qualidades psicométricas. Verificaram-se diferenças significativas entre géneros, nas preferências de parceiro para relações de curta duração nas dimensões Emocionalidade e Recursos, tendo as mulheres revelado uma maior preferência por estas características comparativamente aos homens. Ainda que não existam diferenças significativas para as preferências de parceiro em função dos estilos de vinculação, os participantes seguros revelaram menor evitamento e ansiedade nas relações. Os resultados foram discutidos de acordo com a literatura.

Palavras-chave: vinculação; vinculação romântica; preferência de parceiros

Abstract

The way humans choose their partners has evolved over time and the factors involved in this process continue to be intensely debated, with partner preferences deserved the attention of numerous studies. Simpson and Rholes's investigations (2017) among other studies show a strong relationship between the attachment, advocated by Bowlby, and love relationships in adulthood. The aim of this study was to understand the relationship between attachment styles and partner choices in short-term relationships. Buss Partner Preferences questionnaires, Adult Attachment Scale (EVA) and Close Relations Experiences - Relational Structures (ERP-ER) were used. The final sample included a total of 524 heterosexual orientation participants, 129 male and 355 female. Through an exploratory factor analysis, three dimensions were obtained (Emotionality, Resources and Attractiveness/Health), with adequate psychometric qualities. There were significant differences between genders in partner preferences for short-term relationships in the Emotionality and Resources dimensions, and women showed a greater preference for these characteristics compared to men. Although there are no significant differences for partner preferences due to attachment styles, secure participants revealed less avoidance and anxiety in relationships. The results were discussed according to the literature.

Keywords: attachment; romantic attachment; partner preference

Lista de abreviaturas e siglas

χ^2 – valor teste qui-quadrado

α – Coeficiente alfa de Cronbach

AFE - Análise Fatorial Exploratória

ERP-ER - Experiências nas Relações Próximas- Estruturas Relacionais

EVA - Escala de Vinculação no Adulto

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica

DP – Desvio-padrão

M – Média

n – Número de sujeitos por variável

p – Valor de probabilidade

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Índice Geral

Introdução.....	9
Escolhas de Parceiro.....	10
Vinculação.....	15
Vinculação Amorosa.....	20
Objetivos e Hipóteses.....	24
Metodologia.....	25
Participantes.....	25
Medidas.....	27
Procedimento.....	29
Resultados.....	30
Análise Fatorial Exploratória.....	30
Diferenças de médias por género.....	32
Matriz de correlações.....	33
Diferenças de médias em função dos estilos de vínculo.....	34
Discussão.....	36
Conclusão.....	40
Referências.....	42

Índice de Tabelas

Tabela 1 - <i>Características sociodemográficas da amostra</i>	26
Tabela 2 - <i>Análise Fatorial Exploratória do questionário de Preferência de Parceiros</i>	31
Tabela 3 – <i>Médias e Desvios Padrão e teste t para as variáveis em estudo</i>	33
Tabela 4 - <i>Correlações entre as variáveis em estudo</i>	34
Tabela 5 - <i>Médias, desvios padrão, Anova e testes Post Hoc para as preferências de parceiro e experiências em relações próximas em relação ao parceiro romântico, em função dos Estilos de Vínculo</i>	35

Introdução

A forma como os humanos escolhem os seus parceiros tem evoluído no tempo e os fatores envolvidos neste processo continuam a ser intensamente debatidos, tendo as preferências de parceiro merecido a atenção de inúmeros estudos (Buss, 1989, 2008). Najman e colaboradores (2006), defendem que entre 1939 e 1996 foram identificados traços como a fiabilidade, a estabilidade e a maturidade como critérios importantes na escolha de parceiro e que mais recentemente o amor e a atração mútua passaram a ter mais protagonismo. É de referir ainda, que estão envolvidos no processo de escolha de parceiros fatores como a idade, o sexo, a personalidade, a cultura, o estatuto, e qualidades de atratividade física (Buss, 1986; Gangestad & Simpson, 2000). É relevante, ainda, ter presente que as teorias de Figueredo e colaboradores (2006) que abordam as “preferências de parceiro”, incluem a ideia de que os indivíduos são atraídos por aqueles que são semelhantes a si mesmos, diferentes de si mesmos, ou que existem simplesmente preferências comuns a todos.

Numa perspetiva evolucionista, os humanos ao longo da história têm vindo a construir formas complexas de adaptação na escolha de parceiro para acompanhar as próprias mudanças civilizacionais e sociais (Buss, 1993).

Selecionar e manter parceiros, cuidar e garantir a descendência, formar alianças, ganhar status no grupo, evitar predadores e doenças seriam problemas cujas respostas exigiriam processamentos mentais de características distintas, ou de domínio específico, para sua resolução (Buss, 2005; Buss & Kenrick, 1998).

Reconhecendo a grande multiplicidade de fatores envolvidos no processo da escolha de parceiros, recordamos as pesquisas de Bowlby (1969) e Main e colaboradores (1985) que se referem ao conceito de modelos internos dinâmicos de vinculação (*internal working models*). Estes modelos são construídos na relação entre a criança e a figura de vinculação. Situam-se nas áreas cognitiva e emocional e são representações que o indivíduo tem de si e do mundo. Estas representações, na idade adulta, vão condicionar e influenciar a forma de interpretar acontecimentos bem como a tomada de decisões perante as diversas situações relacionais.

A teoria da vinculação tem origem na década de 50, desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth (1956). Uma teoria que assenta na premissa de que o comportamento de vinculação está associado à história evolutiva, em que as emoções

desempenham funções fundamentais à sobrevivência, sendo estas de natureza primária e não limitadas apenas à infância. Os sujeitos internalizam modelos comportamentais a partir de repetidas interações com os cuidadores, servindo assim como um mapa cognitivo que guiará os relacionamentos posteriores. Ainsworth e colaboradores (1978) contribuíram com o conceito da figura de vinculação como uma base segura a partir da qual uma criança pode explorar o mundo.

Com base na experiência conhecida por *Situação Estranha*, desenvolvida a partir de um paradigma de observação para identificar as diferenças individuais na vinculação entre a díade mãe-filho (Ainsworth et al., 1978), determinaram dois estilos de vinculação (seguro e inseguro) sendo que dentro do estilo inseguro se reconhecem dois estilos, por ansioso-ambivalente e evitante. Hazan e Shaver (1987) posteriormente sugeriram que estes estilos de vinculação seriam similares em relacionamentos amorosos.

De acordo com esta perspectiva, a presente investigação pretende estudar a relação entre as preferências de parceiro e os estilos de vinculação em relações de curta duração e de que forma os diferentes estilos de vinculação do indivíduo podem estar relacionados com as escolhas de parceiro neste tipo de relações.

Escolhas de Parceiro

A escolha de parceiro não é de todo um processo casual ou incerto, tendo em conta as breves considerações acima enunciadas. As preferências são determinadas por quem nos sentimos atraídos, por quem amamos e por quem sentimos falta. É a partir destas preferências, mais ou menos conscientes, que os indivíduos escolhem quem querem como companheiros, para viver, para partilhar, para receber dar apoio e conforto, para casar e para ter filhos. Estas escolhas são naturalmente condicionadas pelas experiências de sucesso e de fracasso no nosso passado humano evolutivo (Collins, 2003).

Desta forma, os processos envolvidos nas escolhas de parceiro constituem uma área de extrema importância na investigação da psicologia evolutiva. Através do estudo das escolhas de parceiro nos humanos pretende-se compreender os processos evolutivos, o seu conteúdo e a sua natureza. Os humanos são uma espécie social sexualmente reprodutora sendo os seus descendentes inicialmente indefesos e dependentes da função paternal. O parceiro, desta forma, assume um papel de extrema importância no sentido de uma cooperação valiosa, na paternidade e nas relações sociais. As escolhas que os

humanos fazem dos parceiros têm um impacto direto na saúde, nos recursos e no estatuto dos mesmos. Os filhos herdam dos pais estas características, determinando ou não o sucesso reprodutivo (Conroy-Beam & Buss 2015).

Efetivamente na escolha de parceiro amoroso, através de um reconhecido caminho evolutivo, existe uma grande variedade de processos que envolvem benefícios diretos e indiretos. Relativamente aos benefícios diretos é de referir a procura de recursos num potencial companheiro; tal opção prende-se com o facto de a descendência humana acarretar custos avultados, e exigir muitos recursos para a obtenção do sucesso. De salientar que, empiricamente, se verifica que para as mulheres, o benefício direto na escolha de parceiro, é particularmente importante na medida em que sozinha tem um dispêndio e um gasto de energia muito significativo em termos biológicos, de tempo e de uma variedade de outros aspetos (Geary, 2000). Buss (1989) estudou homens e mulheres em 37 culturas que se diferenciavam em termos de religião, clima, economia, sistemas políticos e matrimoniais. Apesar desta profunda variedade entre culturas, verificou-se que as mulheres, mais do que os homens, priorizam uma forte preferência em companheiros que possuam recursos que possam ser investidos nas suas famílias. À semelhança das mulheres, os homens também procuram benefícios diretos quando valorizam nas suas escolhas mulheres férteis.

Além dos benefícios diretos referidos, a escolha de parceiro também pretende ir ao encontro de benefícios indiretos, neste caso mais relacionados com características físicas. O corpo humano é naturalmente simétrico, mas existe sempre um grau de assimetria. Sabemos que tendencialmente os humanos mostram maior preferência por rostos e corpos simétricos. Nos homens, determinadas características faciais, corporais e comportamentos masculinos podem ser interpretadas como um grau elevado de testosterona. Efetivamente considera-se que os homens com um sistema imunitário robusto e com uma elevada produção de testosterona desenvolvem traços masculinos vincados que são atrativos para as mulheres, na medida em que estas lhes reconhecem elevadas qualidades genéticas e imunitárias, sendo para as mulheres um benefício indireto. No entanto, as mulheres parecem mostrar-se igualmente mais atraídas por homens com traços masculinos nas relações a curto prazo e contextos sexuais (Little et al., 2002).

Efetivamente o processo de escolha de parceiro reveste-se de grande complexidade e para ele confluem, para além dos benefícios diretos e indiretos, algumas estratégias. Por exemplo, podemos identificar algumas estratégias específicas para um relacionamento a longo prazo: sabemos que ambos os sexos numa relação a longo prazo tendem a investir fortemente na descendência; este investimento acarreta uma escolha (ou estratégia de escolha) mais apurada e exigente porquanto uma má escolha poderia ser demasiado dispendiosa e/ou danosa tanto para o homem como para a mulher (Buss & Schmitt, 1993).

Ainda no que diz respeito a preferências de parceiro a longo prazo, é de referir que muitas escolhas refletem a valorização de qualidades diversas como a bondade, a inteligência, a atração mútua, o amor, a fidelidade e saúde e, em algumas culturas, o desejo de cônjuges virgens. Existem, efetivamente, características comuns a ambos os géneros, tanto os homens como as mulheres valorizam características como boas qualidades parentais (investimento na descendência), inteligência, fidelidade, estabilidade emocional, boa saúde e capacidade reprodutiva (Buss & Schmitt, 2019).

Há, no entanto, diferenças na valorização de determinadas características que estão relacionadas com o género (masculino ou feminino) de quem faz a escolha. Por exemplo, o desejo de juventude e beleza é mais valorizado pelos homens, e a característica de boas perspectivas financeiras e de estatuto social é mais valorizada pelas mulheres. Foram encontrados dados que confirmam que as mulheres, independentemente da cultura, escolhem parceiros que demonstrem capacidade para adquirir recursos, enquanto os homens preferem mulheres que apresentam ter uma boa capacidade reprodutiva (Buss, 1989). Dados recolhidos ao longo de vários estudos apoiam a ideia de diferenças sexuais universais nas estratégias de seleção de parceiro (e.g. Li & Kenrick, 2006). Existem, ainda, diferenças transculturais significativas onde são priorizados diversos fatores, como: a castidade, preferência por homens com recursos, atratividade em relação a traços físicos como o índice de massa corporal, ou indicadores de boa saúde (Buss, 2008), que parecem indicar que os mecanismos psicológicos responsáveis pela seleção de estratégias sexuais funcionam de acordo com as circunstâncias específicas do ambiente natural, social e cultural. Um estudo de Tadinac e Hromatko (2007), na Croácia, confirmou que as mulheres que se consideram fisicamente atrativas, valorizam

perspetivas financeiras, boa aparência, inteligência e estatuto social num potencial parceiro.

Ancestralmente o homem estabelecia relações a longo prazo com o potencial benefício de obter os recursos reprodutivos da mulher e outros benefícios que estavam relacionados com o sucesso reprodutivo das crias, reduzindo os conflitos do agregado e estabelecendo alianças familiares mais alargadas (Conroy-Beam & Buss 2015). Buss e Schmitt (1993) apontaram para outros benefícios como; aumentar as probabilidades de atrair uma companheira, especialmente se as mulheres exigirem um compromisso antes de consentir o sexo; aumentar a capacidade de atrair um companheiro de alto valor, incluindo uma elevada qualidade genética, se as mulheres mais elevadas em valor de acasalamento exigirem níveis de compromisso mais elevados; aumentar a certeza de paternidade nos descendentes que se seguem; aumentar a sobrevivência das crianças através da proteção, do provisionamento e da socialização paterna; aumentar a reprodução e sucesso dos descendentes através de investimentos paternos ou de disposições paternas de oportunidades de acasalamento; aumentar o estatuto social, uma vez que o casamento na maioria das culturas confere prestígio elevado; adquirir aliados de coligação através de redes sociais de um parceiro e de outras redes sociais. Resumindo, os homens nas relações a longo prazo são semelhantes às mulheres priorizando um bom parceiro e boas qualidades parentais como a fiabilidade e estabilidade emocional, bem como a ativação da emoção do amor, a capacidade reprodutiva da mulher, juventude e beleza e a fidelidade sexual da parceira (Buss & Schmitt, 1993).

Nas relações a longo prazo, as mulheres continuam a valorizar os recursos económicos, estatuto social para que o homem canalize esses recursos para proveito da mulher e dos filhos. Há poucas evidências de que estas prioridades se tenham alterado, apesar da crescente igualdade de género em alguns países, havendo, no entanto, provas de evolução cultural. As mulheres, em algumas sociedades modernas, já não priorizam a virgindade, parecem estar a declinar relações a longo prazo, optando por se concentrar nas suas carreiras. À medida que a igualdade económica entre homens e mulheres continua a aumentar, podemos esperar que as mulheres sejam cada vez mais exigentes nas suas preferências de parceiro a longo prazo (Buss & Schmitt 2019). Segundo Conroy-Beam e Buss (2015), existem algumas evidências científicas que preveem

comportamentos de mudança nos homens, como por exemplo, voltar a casar com mulheres mais novas.

As estratégias na escolha de um parceiro são, portanto, altamente variáveis entre homens e mulheres e atualmente dependem de fatores ambientais. As teorias sobre as estratégias na escolha de um parceiro devem ter em conta estas diferenças individuais e os efeitos do contexto (Buss, 1989). Gangestad e Simpson (2000), sugerem que estes fenómenos não podem ser compreendidos sem considerar a natureza das compensações que estão na base das decisões na escolha de um parceiro. Sugerem que os indivíduos integram um conjunto de adaptações que organizam e guiam o esforço reprodutivo de cada indivíduo, envolvendo sempre múltiplas táticas comportamentais. A forma como os indivíduos selecionam os parceiros, o esforço que dedicam à escolha e o investimento parental é influenciado por estas estratégias, sendo que a estratégia mais utilizada numa relação de longa duração é a de aceder às nossas próprias capacidades enquanto parceiros (Gangestad & Simpson, 2000).

No entanto, as relações amorosas podem ter um tempo de vida muito curto, há relações que podem durar meses ou semanas e mesmo minutos. (Buss & Schmitt, 1993) apelidaram este tipo de relação como curto prazo ou de curta duração. As relações a curto prazo estão fortemente relacionadas com o tipo de circunstância e com o contexto onde está envolvido o sexo casual e outros fatores. Buss e Schmitt (1993), sugeriram quatro hipóteses possíveis, como função adaptativa para as mulheres; recursos imediatos, bons genes, avaliação de companheiros para possibilidades a longo prazo e comutação de companheiros. No entanto, estas hipóteses nunca foram testadas para afirmar que são comportamentos adaptativos. As relações a curto prazo para as mulheres parecem ocorrer com menos frequência. Estas relações podem trazer prejuízos para as mulheres no que diz respeito à sua reputação social, impedindo a mulher de se envolver em relações a longo prazo, uma vez que aumenta o grau de incerteza em relação à paternidade. Os homens nas relações a curto prazo segundo Gray e colaboradores (2018) revelam, com robustez, maior abertura para ter mais parceiros sexuais e fazer sexo com várias pessoas. Os homens são mais propensos a ter fantasias sexuais, múltiplos parceiros e sexo com estranhos (Petersen & Hydem 2010). Foram introduzidas outras hipóteses que se têm investigado como táticas psicológicas para evitar o complexo compromisso de acasalamento e táticas de engano, fingindo interesse a longo prazo para obter sexo a curto

prazo (e.g. Jonason & Buss, 2012). Parecem existir funções adaptativas diferentes nas relações a curto prazo entre homens e mulheres. Nos homens, essa função adaptativa reside em maximizar as possibilidades da descendência, portanto, tendem a preferir parceiras fisicamente atraentes, sinalizando, assim, altos níveis de fertilidade e bons genes. Para as mulheres a procura de recursos e bons genes parecem demonstrar que a atratividade e o estatuto social são características de grande importância num companheiro a curto prazo (Buss & Schmitt, 1993). De acordo com as pesquisas de Gangestad e Simpson (2000), tanto os homens como as mulheres, nas relações de curta duração, tendem a atribuir menos importância aos traços de afetividade e confiança no parceiro.

Nas escolhas de parceiro, como referido acima, estão envolvidos processos muito complexos que envolvem múltiplos fatores, como a idade, o género, o contexto social, a personalidade e muitos outros fatores. O propósito do nosso estudo não consiste apenas em entender ou explicar a dinâmica da escolha de parceiros; pretendemos entender a forma como os humanos fazem as suas escolhas, incluindo os processos envolvidos na vinculação e vinculação amorosa. O facto das pessoas muitas vezes estabelecerem relações amorosas e se apaixonarem por pessoas que se assemelham fortemente aos pais ou às figuras cuidadoras tem suscitado uma grande curiosidade na comunidade científica e nos estudos psicanalíticos, evolucionários e de vinculação. De que forma é que as primeiras experiências do sujeito podem moldar as preferências de parceiro? O sujeito constrói uma imagem modelo baseada nas primeiras experiências com a figura cuidadora e essa representação mental deverá ter uma função moderadora ou de padrão na avaliação de potenciais parceiros (Mikulincer & Shaver, 2007).

Vinculação

Bowlby preconizou o conceito de vinculação e inclinou-se principalmente para as origens desenvolvimentais do sistema de vinculação, focando-se sobretudo na vinculação entre a criança e a mãe, embora tenha reconhecido a importância da vinculação ao longo de todo o ciclo da vida do ser humano.

Apesar de as teorias referirem o papel determinante da vinculação na infância ou nos primeiros anos de vida, esta estará presente e persiste ao longo da vida do indivíduo (Hazan & Shaver, 1987). É um sistema permanentemente ativo em níveis mínimos sendo

ativado perante situações de *stress*, perigo ou situações novas (Sroufe & Waters, 1977). Quando o sistema de vinculação é ativado, o indivíduo evoca a figura de vinculação existente dando uma resposta específica conforme o contexto. A criança ao identificar a figura de vinculação como disponível e ao reconhecer um ambiente tranquilo, tal permite-lhe explorar o meio com confiança, sendo esta uma interação descrita por Ainsworth e colaboradores (1978) como base segura.

Ainsworth e colaboradores (1978) referem que existem diferenças individuais na organização da vinculação. Estas diferenças decorrem das diferentes experiências de interação com a figura de vinculação. Uma interação caracterizada por proteção e conforto, na relação com a figura cuidadora, denomina-se por estilo de vinculação seguro, onde tanto a ansiedade como o evitamento são baixos. É caracterizado por uma sensação de vínculo seguro, conforto com proximidade e interdependência, e confiança na procura de apoio e outros meios construtivos para lidar com fatores de stress. O estilo de vinculação inseguro caracteriza-se por uma interação onde existe rejeição e inconsistência, por parte da figura de vinculação. Existem duas dimensões dentro do estilo de vínculo inseguro; o estilo ansioso e o estilo evitante. O estilo ansioso refere-se a um estilo em que a ansiedade é alta e o evitamento é baixo. É definida por uma falta de segurança no vínculo, uma forte necessidade de proximidade com os outros, preocupações sobre relacionamentos e medo de ser rejeitado. O estilo evitante refere-se a um comportamento em que o evitamento é elevado. Caracteriza-se pela falta de segurança no vínculo, autossuficiência compulsiva e preferência pela distância emocional dos outros. Tanto o ansioso como o evitante são estilos caracterizados pela falha de proximidade procurando aliviar a angústia e a consequente adoção de estratégias de oposição secundária. Existem pesquisas que aprofundaram a forma como a vinculação romântica entre adultos está relacionada com a vinculação na infância. Este modelo de vinculação pode alterar-se ao longo do tempo, uma vez que as relações estabelecidas na vida adulta ganham a sua própria significância e dinamismo (Dinero e colaboradores, 2008). Esta atribuição resulta na possibilidade de os indivíduos poderem reformular e reorganizar o sistema de vinculação, através de novas conceções sobre experiências passadas, permitindo mudanças ao longo da vida.

Bartholomew e Horowitz (1991) criaram modelos categóricos e dimensionais. Foi desenvolvido um modelo bidimensional composto pela visão de si mesmo e a visão dos

outros permitindo criar quatro protótipos de estilos de vínculo. O estilo de vínculo seguro, preocupado, desligado e amedrontado. Os indivíduos com um estilo de vínculo seguro (baixa ansiedade, baixo evitamento) têm uma visão positiva de si próprios e dos outros devido a uma interação com as figuras de vinculação caracterizada por proteção e conforto. Os indivíduos com um estilo de vinculação preocupado (ansiedade alta, baixo evitamento) têm uma visão negativa de si próprio, mas uma visão positiva dos outros devido a uma interação com as figuras de vinculação caracterizada por respostas inconsistentes. Este estilo é caracterizado pela dependência emocional dos outros, efeito negativo, sendo hiper vigilante a quaisquer ameaças potenciais, e tendo baixa autoestima. Os indivíduos com um estilo de vínculo desligado (ansiedade baixa, alto evitamento) têm uma visão positiva de si mesmo, onde se vêem como independentes e não precisam dos outros, mas uma visão negativa dos outros devido a uma interação com as figuras de vinculação caracterizada por uma ausência de resposta ao nível dos cuidados e da segurança. Embora não se sintam confortáveis na proximidade com os outros, têm uma visão positiva de si próprios. Tendem a negar as necessidades do vínculo, evitam a proximidade, a intimidade e a dependência de relações próximas. Finalmente, indivíduos com um estilo de vínculo amedrontado (ansiedade elevada, alto evitamento) têm uma visão negativa de si próprios e dos outros. À semelhança do estilo preocupado procuram contacto social, mas neste caso são inibidos pelo medo da rejeição. Estes indivíduos adotam comportamentos de evitamento em interações interpessoais na vida adulta.

O conceito de vinculação do adulto remete-nos para duas questões conceptuais importantes que são fundamentais no processo de avaliação. Uma das questões conceptuais diz respeito aos aspetos normativos do sistema de vinculação e a sua relevância na idade adulta; a outra questão prende-se com a presença de diferenças individuais na forma como o indivíduo organiza a sua vinculação no contexto das relações interpessoais, conforme descrito por Crowell, Fraley e Shaver (2008). No processo de avaliação da vinculação existe alguma diversidade nas abordagens. Foram encontrados três tipos de abordagens conceptuais: aquelas que assentam numa conceção categorial ou tipológica; as que assentam numa conceção dimensional e por fim, as abordagens prototípicas (Bartholomew & Shaver, 1998).

Shaver e Mikulincer (2002) sugerem um modelo sobre a vinculação na idade adulta e mencionam que nesta fase a vinculação pode ser determinada de três formas, a

vinculação estado que emerge nas situações de stress e que se caracteriza fundamentalmente pelo contato estabelecido com a figura de vinculação; a vinculação encarada como um traço ou uma tendência para formar as relações constantes ao longo do desenvolvimento; e a vinculação vista como um processo de interação com o contexto.

Os estudos sobre vinculação consideram que os modelos internos dinâmicos têm uma função mediadora entre as experiências na infância e as expectativas e crenças relativas ao *self* (Thompson, 2008). Existe uma estabilidade da vinculação durante a idade adulta, mas pode não ter uma correspondência efetiva com o que foi observado na infância (Shaver et al., 1988). Também o número de estilos de vinculação não é totalmente consensual. A maior parte dos autores referem apenas a existência de um estilo seguro e de vários estilos inseguros.

As relações de vinculação na infância prendem-se com a natureza de complementaridade, verticalidade e assimetria da procura e da prestação de cuidados, onde as figuras de vinculação asseguram o conforto e a segurança da criança. As relações de vinculação na idade adulta prendem-se com a natureza de reciprocidade, horizontalidade e simetria (Hazan & Shaver, 1994).

Posteriormente Holmes e Johnson (2009) apontam para três hipóteses que podem prever as preferências de parceiro de acordo com o estilo de vínculo: as de semelhança, complementaridade e vínculo-seguro.

A hipótese da semelhança, com as figuras cuidadoras, sugere que os indivíduos preferem parceiros com estilos de vinculação semelhantes, no mesmo caminho de Frazier e colaboradores (1996), que verificou que os indivíduos com um estilo de vínculo ansioso tendem a estabelecer relações com indivíduos com vínculo ansioso. Estas pesquisas sugerem que os indivíduos são atraídos por outros que partilham o mesmo estilo de vínculo. Anteriormente esta hipótese já tinha sido levantada pela teoria desenvolvida por (Baumeister, 1982), que aponta para o facto de os indivíduos procurarem um feedback positivo através dos outros, no sentido de fortalecer a sua autoimagem. A ligação entre parceiros com um estilo de vínculo semelhante sugere níveis semelhantes de intimidade, independência e objetivos comuns na relação, permitindo uma correspondência favorável entre os estilos de vinculação de cada um.

A hipótese da complementaridade prevê a preferência de parceiro no sentido de confirmar as expectativas relacionadas com o estilo de vinculação. O indivíduo com um

estilo de vínculo ansioso que se liga a um indivíduo com um estilo de vínculo evitante vai poder confirmar as suas expectativas negativas em relação ao outro, enquanto que o evitante vai confirmar as expectativas do outro como dependente. Estamos perante relações entre indivíduos que confirmam as expectativas negativas dos outros, que podem ser questionáveis, embora as teorias da autoconsciência possam explicar melhor (Swann, 1983). Segundo esta teoria, os indivíduos preferem manter uma realidade social previsível relacionando-se com os outros que correspondem às suas expectativas, permitindo a manutenção de uma autoimagem consistente.

A hipótese do vínculo seguro sugere que qualquer indivíduo, seja qual for o estilo de vínculo que tenha, vai sempre, procurar e orientar a sua preferência por indivíduos seguros, oferecendo uma melhor oportunidade de segurança e uma relação emocional mais sólida (Chappell & Davis, 1998). Desta forma, os indivíduos procuram sentir segurança nas expectativas do relacionamento.

As pesquisas demonstraram que os indivíduos predominantemente demonstram preferência por parceiros com base na semelhança e no vínculo seguro e que a preferência de parceiro com base na complementaridade ocorre mais predominantemente nas relações mantidas e continuadas (e.g., Duemmler & Kobak, 2001).

De acordo com (Kirsner, Figueredo, & Jacobs 2003) os indivíduos tendem a estabelecer vínculos conjugais com base nas qualidades positivas que têm para si como determinantes do valor do parceiro. Prevê-se que o indivíduo fará a escolha de parceiro baseada na sua noção de valor de parceiro, ou seja, a noção individual do valor de parceiro irá ao encontro do valor de parceiro que se reconhece no atual par romântico.

Rene e colaboradores (2017) exploraram os efeitos do estilo de vínculo inseguro nas relações românticas. A investigação sugere que os indivíduos com um estilo de vínculo ansioso tendem a ter mais preocupações de confiança e necessidades de intimidade do que preocupações ligadas à independência, enquanto que os indivíduos com um estilo de vínculo inseguro-evitante tendem a isolar-se dos outros e que valorizam mais as preocupações focadas no próprio em vez de preocupações focadas na relação. Estas tendências assumem-se como mecanismos de defesa para lidar com sentimentos de abandono e de rejeição.

Vinculação Amorosa

A vinculação amorosa é um conceito fundamental no estudo das relações conjugais. A vinculação, segundo Bowlby (1982), corresponde a um laço emocional duradouro no tempo, preponderante no desenvolvimento psicológico e que garante a sobrevivência e adaptação. Estas interações têm por base um sistema de vinculação em que cada indivíduo, em qualquer idade, tende a procurar proximidade e apoio nos outros, especialmente em momentos de stress/ameaça.

Na infância as figuras de vinculação são os pais ou outras figuras cuidadoras, na idade adulta são os companheiros românticos ou os amigos mais próximos. A vinculação na infância e a vinculação na idade adulta partilham características muito semelhantes entre si. As dinâmicas emocionais e comportamentais envolvidas no sistema de vinculação são comuns, uma vez que o parceiro amoroso se oferece como base segura como os pais em relação à criança, criando no outro um sentimento de segurança e conforto (Zeifman & Hazan 2008) e (Mikulincer & Shaver, 2012). Embora existam fortes conformidades nas duas vinculações, é importante realçar que os modelos internos dinâmicos da teoria da vinculação têm por base uma diversidade de crenças e de expectativas formadas na infância (Collins & Read 1994). Nas relações adultas, as relações amorosas têm um papel fundamental e diferente das relações de amizade. As figuras de vinculação nas relações de amizade são vistas como auxiliares, enquanto que nas relações amorosas as figuras de vinculação constituem-se como principais ao fim de um determinado tempo, cerca de dois ou três anos (Mintz, A.S., 2004). À medida que os indivíduos se vão envolvendo em relações de amizade e em relações amorosas, recorrem aos modelos internos que foram criados na infância e vão reconstruindo os seus próprios modelos (Hazan & Shaver, 1987; Simpson & Rholes, 2017).

O processo de vinculação na idade adulta ocorre de modo sequencial, tal como na infância. Ao longo de uma relação amorosa, os comportamentos de vinculação ocorrem no sentido de uma procura, no parceiro, de conforto e de apoio. Os pares e parceiros românticos assumem o papel de figuras de vinculação e estas relações influenciam, de alguma forma, a representação que os indivíduos têm da vinculação. A vinculação é determinante no início e na manutenção das relações amorosas na medida em que têm por base o estilo de vinculação do indivíduo (Fraley & Davis 1997) e (Mikulincer & Shaver 2007).

As interações com as figuras de vinculação promovem um sentimento de estabilidade e de segurança resultando na criação de representações mentais positivas de si e dos outros (Mikulincer & Shaver, 2012). Pesquisas realizadas na década de 90 confirmam que os estilos de vinculação são fortes preditores na forma de um indivíduo sentir, pensar e se comportar nas suas relações amorosas (e.g. Brennan & Shaver, 1995; Collins & Read, 1990; Simpson, 1990). Quando as figuras de vinculação não estiveram disponíveis e não forneceram o apoio necessário, a proximidade é sentida como angústia, a segurança fica comprometida, e são formados modelos negativos de si próprio e dos outros e a probabilidade de estabelecer uma vinculação insegura em relação a figuras significativas aumenta. A maioria dos estudos demonstra que esta insegurança na vinculação pode ser avaliada, na idade adulta, em termos de duas dimensões independentes: a ansiedade e o evitamento (Brennan, Clark, & Shaver, 1998; Mikulincer & Shaver, 2012; Simpson & Rholes, 2017).

Rene e colaboradores (2016) exploraram os efeitos do estilo de vínculo inseguro nas relações românticas. A investigação sugere que os indivíduos com um estilo de vínculo ansioso tendem a ter mais preocupações de confiança e necessidades de intimidade do que preocupações ligadas à independência, enquanto que os indivíduos com um estilo de vínculo inseguro-evitante tendem a isolar-se dos outros e que valorizam mais as preocupações focadas no próprio em vez de preocupações focadas na relação. Estas tendências assumem-se como mecanismos de defesa para lidar com sentimentos de abandono e de rejeição.

Os relacionamentos românticos funcionam como relações de vinculação, nos quais existe uma procura de proximidade com o seu parceiro romântico nos momentos de crise, com o objetivo de aliviar a angústia e promover conforto e criar uma sensação de segurança (Mikulincer & Shaver, 2012). Na criança, o sistema de vinculação com base nas relações assimétricas sofre mudanças importantes e podem desempenhar um papel importante na idade adulta. No final da adolescência, o indivíduo passa a criar relações simétricas com o parceiro amoroso, quando este está no mesmo nível de desenvolvimento psicológico. A relação de vinculação é baseada na reciprocidade, o parceiro oferece e recebe apoio, atenção e segurança, tornando-se numa figura de vinculação. A teoria da vinculação sugere que a idade adulta se caracteriza pela organização e estabilidade dos comportamentos de vinculação, que têm por base os modelos internos dinâmicos

construídos na infância. Na idade adulta, o indivíduo atualiza estes processos adquiridos na infância. As experiências com as figuras de vinculação na infância vão permitir ao indivíduo criar expectativas nas relações com os outros, influenciar estratégias de regulação emocional perante relações de proximidade relacional, que se baseiam nos tais modelos representacionais construídos na infância.

No estilo de vinculação ansioso existe forte uma preocupação com a figura de vinculação, receio de que esta não esteja disponível e que não ofereça suporte nos momentos de necessidade. Estes indivíduos tendem a estar centrados nas suas próprias emoções, vulnerabilidades e necessidades de vinculação insatisfeitas (Shaver & Mikulincer, 2014). Num estudo de Simpson e Rholes (2017) demonstrou-se que, em situações altamente stressantes, os indivíduos com um estilo de vinculação ansioso apresentam mais sintomas depressivos. Estes indivíduos tendem a avaliar não só os seus parceiros, bem como os relacionamentos de forma mais negativa, apresentando comportamentos disfuncionais que prejudicam o relacionamento e a família como um todo (Shaver & Mikulincer, 2014; Simpson & Rholes, 2017).

No estilo de vinculação evitante, o indivíduo tende a desconfiar da boa vontade do parceiro e procura de forma constante manter a independência e a distância emocional (Shaver & Mikulincer, 2014). São indivíduos pouco afetuosos que evitam a partilha de informação, na medida em que esse comportamento promove a proximidade emocional. São indivíduos com dificuldades em satisfazer os desejos de proximidade e apoio do parceiro, porque demonstram uma incapacidade em descodificar os sinais verbais e não verbais do parceiro.

A literatura demonstra de forma consistente que a vinculação ansiosa e/ou evitante está relacionada com uma pior qualidade das relações e com uma dificuldade no ajustamento dos elementos do casal (e.g. Shaver & Mikulincer, 2014). Segundo alguns estudos realizados, os estilos de vinculação comprometem e interferem nos comportamentos, pensamentos e sentimentos dos indivíduos nos seus relacionamentos amorosos (Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). Segundo o estudo de Hazan e Shaver (1987), parceiros com um estilo de vínculo seguro demonstram maiores níveis de satisfação com a relação amorosa.

O estilo de vínculo seguro parece garantir amizade e confiança entre os parceiros, existindo menos conflitos na relação. Ao invés, o estilo de vínculo ansioso ou evitante

está associado a níveis mais altos de insatisfação com a relação amorosa (Pedro, Ribeiro, & Shelton, 2015).

Os diferentes estilos de vínculo exercem uma influência na satisfação conjugal, embora os estudos e os seus resultados não sejam consensuais. Alguns estudos referem que o estilo de vínculo inseguro ansioso exerce maior influência negativa na satisfação conjugal. O estilo de vínculo inseguro ansioso diz respeito a uma excessiva dependência emocional, hiper vigilância na relação e falta de confiança no parceiro. Estas formas de comportamento podem conduzir a uma maior frequência de conflitos, resultando numa maior probabilidade de insatisfação na relação (Birnbbaum 2007).

No entanto, existem outros estudos que referem que o estilo de vinculação inseguro evitante prediz uma maior insatisfação na relação (Hazan & Shaver, 1987; Pedro, Ribeiro, & Shelton, 2015). Os indivíduos com um estilo de vinculação inseguro evitante manifestam, com frequência, receio nas relações de intimidade criando um maior distanciamento com os parceiros. Os indivíduos demonstram uma ideia pessimista e negativa da relação e afastam-se de possíveis envolvimentos emocionais podendo manifestar pouco interesse pelos parceiros. Este comportamento evitante poderá conduzir a uma grande insatisfação conjugal (Pedro, Ribeiro, & Shelton, 2015).

Myers e colaboradores (2016) investigaram a satisfação e o tipo de esquemas de resolução de problemas entre casais com base nos estilos de vinculação. Os resultados indicaram que casais com estilos de vinculação correspondentes demonstram uma maior satisfação na relação e menos conflitos do que os casais com estilos de vinculação diferentes entre si. Os casais com estilos de vinculação diferentes apresentaram menor capacidade de resolução de problemas. As conclusões de um outro estudo realizado pela mesma equipa, (Myers et al., 2016), referem que os casais com o estilo de vínculo seguro manifestam menos conflitos e menos separações do que os casais com estilo de vínculo inseguro.

Por outro lado, sabemos que os estilos de vinculação podem sofrer alterações ao longo das relações. Alguns estudos focaram-se na forma como os estilos de vinculação se podem alterar através do tempo. Chopik, Edelstein e Fraley (2013) demonstraram através das suas pesquisas que o estilo de vinculação ansioso tende a diminuir ao longo tempo, em média, em amostras de indivíduos que se encontram em relações românticas estáveis em comparação com indivíduos solteiros. Estas alterações parecem ser

provocadas não só pela idade, mas também pelo próprio desenvolvimento e amadurecimento da relação. Uma relação numa fase de desenvolvimento inicial está carregada de mais incertezas e de inseguranças. À medida que a relação persiste no tempo, os indivíduos tendem a tornar-se mais seguros e menos ansiosos.

Apesar de os resultados das pesquisas referidas acima não serem completamente consensuais relativamente à influência dos estilos de vinculação na relação, podemos afirmar que tanto o estilo de vinculação inseguro ansioso e o estilo de vinculação inseguro evitante parecem influenciar negativamente a satisfação na relação com os parceiros (Scharfe & Bartholomew, 1995).

Objetivos e hipóteses

O presente estudo tem o objetivo geral de estudar as preferências de parceiro em adultos de ambos os géneros. Pretende-se examinar de que forma os diferentes estilos de vinculação do indivíduo e o estilo de vínculo em relação ao parceiro romântico podem influenciar as escolhas do parceiro nas relações de curta duração

A presente investigação tem como objetivo geral estudar as relações entre as preferências de parceiro, os estilos de vinculação e as experiências em relações próximas em relação ao parceiro romântico, para relações de curta duração. Esta temática apresenta uma relevância considerável, uma vez que existem inúmeros estudos que demonstram a pertinência da procura de parceiros para fins reprodutivos e de descendência. É também de realçar a escassa literatura que relaciona os estilos de vinculação com as preferências de parceiro, bem como as diferenças existentes em relação a esta preferências quando se trata de uma relação de curta duração.

Esta investigação tem como objetivo específico proceder a uma análise fatorial exploratória na medida das preferências de parceiro e espera-se encontrar dimensões que possam ser estudadas e verificar se essas dimensões se relacionam com os estilos de vinculação. Ou seja, se as escolhas de parceiro estão associadas aos estilos de vínculo.

H1: Espera-se que existam diferenças de género nas escolhas de parceiro e que as mulheres sejam mais exigentes do que os homens.

H2: Espera-se que existam associações entre as preferências de parceiros, os estilos de vinculação e experiências próximas em relação ao parceiro romântico.

H3: Espera-se encontrar diferenças para as preferências de parceiro e experiências em relações próximas em relação ao parceiro romântico, em função do estilo de vínculo.

Metodologia

Participantes

A amostra inicial foi constituída por 811 participantes, no entanto para efeitos de tratamento dos dados considerámos apenas os sujeitos que responderam 100% dos itens preenchidos do questionário, ficando a amostra final constituída por um total de 527 participantes. Considerando os objetivos da presente investigação, apenas foram incluídos no estudo os participantes que revelaram orientação heterossexual ($n = 484$), dos quais 129 (26.7%) são do sexo masculino e 355 (73.3%) do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 78 anos ($M = 44.18$; $DP = 11.47$). A maioria dos participantes tem entre o 12º ano de escolaridade e a licenciatura, tem filhos, vive com o companheiro(a) e filhos ou apenas com o companheiro(a) e encontra-se numa relação de casado(a)/união de facto, sendo que os homens têm mais relações esporádicas do que as mulheres (ver tabela 1).

Os participantes casaram em média aos 29.97 anos ($DP = 7.43$), sendo que a média de idade que consideram desejável para casar são os 28.94 anos ($DP = 5.19$), mas referem que em média desejavam casar por volta dos 38.40 anos ($DP = 11.37$). A média de idade do(a) parceiro(a) atual dos participantes encontra-se nos 44.76 anos ($DP = 11.32$). Consideram que a idade ideal para ter filhos se encontra em média nos 29.29 anos ($DP = 3.50$). A amostra também revelou que os participantes com filhos têm em média 1.78 filhos e em média desejavam ter 2.09 filhos ($DP = 0.85$) (ver tabela 1).

Tabela 1

Características sociodemográficas da amostra

	Masculino		Feminino		χ^2
	n	%	n	%	
	129	26.7	355	73.3	
Coabitação					8.14
Companheiro(a)	32	25.0	72	20.5	
Companheiro(a) e filhos(as)	48	37.5	140	39.8	
Sozinho(a)	20	15.6	39	11.1	
Sozinho(a) com filhos(as)	8	6.2	46	13.1	
Colegas de casa	4	3.1	5	1.4	
Pais	10	7.8	32	9.1	
Outra situação	6	4.7	18	5.1	
Habilitações literárias					18.11**
Básico 2º Ciclo (6º ano)	0	0.0	3	0.8	
Básico 3º Ciclo (9º ano)	4	3.1	4	1.1	
Ensino Secundário (12º ano)	48	37.2	73	20.6	
Licenciatura	50	38.8	178	50.1	
Mestrado	24	18.6	89	27.1	
Doutoramento	3	2.3	8	2.3	
Configuração relacional					4.76
Monogamia	88	90.7	237	94.4	
Não-monogamia consensual	0	0.0	1	0.4	
Relações esporádicas	8	8.2	8	3.2	
Outra	1	1.0	5	2.0	
Filhos					.43
Sim	83	64.3	239	67.5	
Não	46	35.7	115	32.5	

**p<.01

Medidas

Na presente investigação foram utilizados três questionários: o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Vinculação do Adulto (EVA), Questionário de Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER) e o Questionário de Preferência de Parceiros.

O Questionário sociodemográfico permite caracterizar a amostra através dos dados demográficos. As informações sociodemográficas como a idade, género, estado civil, escolaridade, composição do agregado familiar, identificar se os indivíduos estão numa relação, identificar os tipos de relação e outras características relacionadas com a preferência de parceiros. É constituído por uma série de questões, possibilitando uma maior compreensão da população que participa neste estudo.

Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A escala *Adult Attachment Scale-R* foi construída por Collins e Read, (1990) para eliminar as limitações inerentes ao instrumento de três itens de Hazan e Shaver (1987). A versão ficou composta por vinte e um itens, sete para cada estilo de vinculação. Foram realizados estudos psicométricos do instrumento e a versão final ficou com 18 itens. A análise fatorial dos 18 itens manifestou a presença de três dimensões, designadas por *Close*, *Depend* e *Anxiety*, cada uma constituída por seis itens.

Os primeiros estudos psicométricos resultantes da aplicação da *Adult Attachment Scale* à população portuguesa foram realizados por Canavarro (1997). A versão portuguesa da escala correspondeu a designação de Escala de Vinculação do Adulto (EVA), designação que se mantém atualmente. Canavarro (1997) procedeu à tradução do instrumento original de Collins e Read (1990). Seguidamente foi feita a retroversão e a passagem do instrumento a um pequeno grupo de pessoas, com o objetivo de verificar a acessibilidade do vocabulário e a compreensão unívoca dos itens. Canavarro (1997) optou de forma semelhante ao efetuado posteriormente por Kurdek (2002), por designar as dimensões de acordo com o modelo de Hazan e Shaver (1987), isto é, dimensões de Vinculação Ansiosa, Segura e Evitante.

Existe uma relação estreita entre as dimensões anteriormente designadas por Vinculação Segura, Ansiosa e Evitante e as atuais dimensões que se designam por Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros. Constatou-se que existiam alterações e que questões ligadas a aspetos conceituais que conduziram

Canavarro et al (2006) a decidir optar pelas dimensões ou designações mais recentes, uma vez que estas garantem uma abordagem mais linear, como foi adotado por Collins e Read (1990; 1994). Assim, o fator 1 Ansiedade refere-se ao grau de ansiedade sentida pelo indivíduo relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido; o fator 2, Conforto com a Proximidade, refere-se ao grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade; e por último, o fator 3, Confiança nos Outros, diz respeito ao grau de confiança que os sujeitos têm nos outros, assim como na disponibilidade destes quando sentida como necessária.

A medida revelou características psicométricas adequadas para a população portuguesa. O valor de alfa de Cronbach para o total da escala foi de .81. O valor de alfa de Cronbach para a sub-escala Ansiedade foi de .84, para a sub-escala Conforto com a Proximidade foi de .67 e para a sub-escala Confiança nos Outros foi de .54.

Canavarro e colaboradores (2006) procederam a uma análise de *clusters* utilizando as dimensões Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros, para classificar os indivíduos em estilos de vinculação, convertendo a classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação propostos por Bartholomew (1990). Desta forma, torna-se possível atribuir aos indivíduos os estilos de vínculo Seguro, Preocupado, Desligado e Amedrontado. A distribuição dos sujeitos por protótipos de vinculação propostos por Bartholomew (1990) que verificámos na nossa amostra vai ao encontro dos resultados obtidos por outros autores (e.g., Canavarro 2006).

Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER)

Para avaliar as diferenças individuais em relação aos parceiros românticos, foi utilizada a versão portuguesa do questionário Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (Versão original: Fraley, Heffernan, Vicary, & Brumbaugh, 2011; Versão Portuguesa: Moreira, Martins, Gouveia, & Canavarro, 2014). Esta medida de autorrelato avalia as diferenças individuais em quatro domínios relacionais: relações com a mãe, pai, parceiro romântico e melhor amigo. A escala é composta por nove itens que se dividem em duas subescalas, o evitamento (6 itens) e a ansiedade (3 itens). A dimensão ansiedade refere-se à preocupação com a rejeição por parte do parceiro romântico (por exemplo, “Tenho medo que esta pessoa me possa abandonar”). Enquanto que, a dimensão evitamento está relacionada com o grau de desconfiança no outro, desconforto com a

intimidade e proximidade, procura de distanciamento emocional e independência na relação com parceiro romântico (por exemplo, “Prefiro não mostrar a esta pessoa como me sinto lá no fundo”). Os nove itens que compõem a escala são avaliados numa escala de *Likert* de 7 pontos, em que 1 corresponde a “discordo fortemente” e 7 a “concordo fortemente”. Foram obtidas as classificações médias em cada subescala, sendo que elevadas pontuações estão relacionados com elevados níveis de ansiedade e/ou evitamento. No estudo original de Fraley e colaboradores (2011), o alfa de Cronbach para o evitamento foi de .81 e para a ansiedade .83. Em relação à confiabilidade teste-reteste, esta foi de .65 para 30 dias. Segundo Moreira, Martins, Gouveia e Canavarro (2014), este instrumento apresenta boa consistência interna, apresentando um alfa de Cronbach de 0,91 relativamente à escala total da ansiedade e 0,88 à escala total de evitamento.

Questionário de Preferências de Parceiro

Trata-se de uma medida baseada nos estudos de Buss (1989) e de Buss, Shackelford e Leblanc (2000) e é composta por trinta e quatro itens/caraterísticas onde se pretende avaliar aspetos de natureza diversa, tais, como, atratividade, recursos, entre outros, num potencial parceiro em relações de curta duração. O indivíduo avalia a importância de cada item numa escala de 0 (irrelevante ou nada importante) a 3 (indispensável). Incluem-se características que representam atributos sociais, físicos e pessoais, tais como sociável, bom cozinheiro(a), educação semelhante à do sujeito, com bons genes, bom estatuto social, boa aparência, entre outros. As qualidades psicométricas são avaliadas no presente estudo.

Procedimento

O presente estudo foi realizado com a aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

O protocolo de avaliação foi composto por um Questionário Sociodemográfico, a Escala de Vinculação do Adulto (EVA), o Questionário de Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER) e o Questionário de Preferências de Parceiro.

O protocolo de avaliação foi submetido numa plataforma online (Qualtrics) e divulgado através de um link disponibilizado nas redes sociais, entre maio e agosto de 2021. Os participantes que aceitaram participar no estudo leram o consentimento informado e foram instruídos a responder às medidas apresentadas.

Resultados

No presente estudo, para a análise e tratamento de dados, foi utilizado o Programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 28 (IBM Corp, 2021).

Considerando que não existia nenhum estudo que avaliasse a dimensionalidade do questionário de Preferência de Parceiros (Buss, 1989; Buss et al., 2000), procedemos a uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) de Componentes Principais, com uma rotação oblíqua *Promax* uma vez que os fatores poderiam correlacionar-se entre si e estarem dependentes uns dos outros. De seguida, avaliou-se a adequação da análise fatorial através do teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (*KMO*) um procedimento estatístico que afere a qualidade das correlações entre as variáveis e que permite determinar se é possível prosseguir com a análise fatorial. A primeira versão da análise fatorial revelou quatro fatores não sendo teoricamente interpretáveis. Teve-se ainda em consideração apenas os fatores com valores próprios superiores à unidade. Interpretável. Posteriormente foi feito um estudo considerando apenas os três fatores com mais de dois itens. Foi retirado o item 7 por não saturar em nenhum dos fatores e o item 33 por saturar nos três fatores e ser ambíguo. O resultado obtido foi $KMO = 0.904$ o que permite classificá-lo como adequado. Foi também realizado o teste de esfericidade *Bartlett* (7402.491; $p < .001$) que testa a hipótese de que não há correlação entre as variáveis. Após sucessivas análises resultantes da eliminação dos itens permitiu-nos a seleção de 32 itens distribuídos e organizados de forma adequada pelas três subescalas (emocionalidade, recursos e atratividade/Saúde) todos eles com níveis de saturação acima do valor recomendado (0.40). Através do estudo da consistência interna foram retirados os itens 26, 25, 27 e 32 por não acrescentarem valores no alfa de Cronbach se retirados. No conjunto, os três fatores explicam 50.790% da variância total explicada. Em relação à consistência interna do Fator 1 (Emocionalidade) composto por 13 itens, obtivemos um valor de $\alpha = 0,90$ que de acordo com os critérios propostos por DeVellis (2017) podemos classificar como muito bom. A

média de correlações inter-item é de 0.42 muito ligeiramente acima do valor recomendado ($\geq 0.20 \leq 0.40$), tendo todos os itens valores acima de 0.89 em alfa de Cronbach se retirado. No Fator 2 (Recursos) composto por 12 itens, registámos um valor de $\alpha = 0.87$ considerado muito bom de acordo com os critérios de DeVillis (2017). A média de correlações inter-item é de 0.36 que é um valor que está dentro do intervalo recomendado ($\geq 0.20 \leq 0.40$). No Fator 3 (Atratividade/Saúde) composto por 3 itens, verificou-se um valor de $\alpha = 0.75$, que nos permite afirmar que é um alfa de Cronbach com valor respeitável, segundo os critérios de DeVellis (2017). A média de correlação inter-itens registou um valor um pouco acima do intervalo recomendado ($\geq 0.20 \leq 0.40$), tendo registado uma média de 0.55. No entanto, decidiu-se manter a subescala na medida em que os itens quando retirados diminuí o valor de alfa de Cronbach consequentemente diminuindo a consistência interna da subescala. (ver tabela 2).

Tabela 2

Análise Fatorial Exploratória do questionário de Preferência de Parceiros

Itens de Preferências de Parceiro	Fatores		
	1	2	3
Fator 1: Emocionalidade			
23. Bondoso(a) e compreensivo	.82	-.02	-.13
20. Educado	.77	-.17	.19
10. Maturidade emocional	.77	.00	-.09
22. Simpático(a)	.77	-.20	.22
8. De confiança	.75	-.09	-.06
9. Estabilidade emocional	.73	.05	-.10
2. Bem-disposto	.68	-.21	.24
28. Descontraído(a)/tranquilo(a)	.66	-.11	.22
21. Inteligente	.64	.10	.11
34. Companheiro(a)	.57	.26	-.29
3. Sociável	.53	-.01	.22
16. Trabalhador(a)	.52	.37	-.30
18. Com atração mútua-amor	.52	.10	-.04

Fator 2: Recursos

14. Mesma crença religiosa	-.24	.79	.04
24. Religioso	-.30	.77	.02
12. Bom estatuto social	.04	.69	.16
30. Educação superior	.08	.62	.14
6. Perspetiva de boa capacidade financeira	.16	.62	.03
17. Preferência partidária semelhante	-.10	.60	-.00
15. Ambicioso(a)	.21	.57	-.12
32. Virgem	-.29	.56	.11
11. Desejo de construir lar e de ter filhos	.06	.55	-.27
1. Bom(a) cozinheiro(a)/habilidade nas tarefas domésticas	.16	.54	-.15
29. Com bons genes	.11	.49	.13
4. Educação semelhante à minha	.29	.44	.14
5. Requite/distinção	.13	.42	.34
27. Artístico(a)	.04	.39	.28

Fator 3: Atratividade/Saúde

31. Fisicamente atraente	-.07	-.00	.82
13. Boa aparência	-.06	.04	.81
25. Personalidade excitante	.10	.12	.62
19. Saudável	.28	-.02	.48
26. Criativo(a)	.09	.36	.40

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Promax with Kaiser Normalization. Rotation converged in 5 iterations.^a

Foi realizado um *teste-t de student* para verificar se existiam diferenças entre géneros para as dimensões contempladas nos questionários de Preferência de Parceiros, Escala de Vinculação no Adulto (EVA) e Experiências na Relações Próximas-Estruturas Relacionais (ERP-ER). Verificam-se diferenças significativas entre géneros, nas relações a curto prazo, nas dimensões Emocionalidade ($t(199.32)=6.052$; $p<0.001$) e Recursos ($t(261.05)=3.813$; $p<0.001$) na preferência de parceiros, sendo que as mulheres priorizam essas dimensões mais do que os homens. Os homens manifestam uma tendência quase significativa na dimensão Confiança nos Outros (ver tabela 3).

Tabela 3

Médias e Desvios Padrão e teste t para as variáveis em estudo

	Masculino		Feminino		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohens' <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Preferência de Parceiros							
Emocionalidade	21.87	9.50	27.57	8.10	6.04	.00	8.49
Recursos	5.53	5.94	7.96	6.87	3.80	.00	6.64
Atratividade/Saúde	6.39	2,27	6.47	2.10	0.44	.67	2.15
Escala de Vinculação no Adulto (EVA)							
Ansiedade	13.08	4.61	13.91	4.65	1.74	.08	4.64
Conforto com a proximidade	21.34	3.66	21.33	3.65	-.020	.98	3.65
Confiança nos outros	20.43	2.57	19.88	3.18	-1.94	.05	3.03
Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais [ERP-ER]							
Ansiedade	20.89	7.60	21.22	9.04	0.37	.71	8.68
Evitamento	8.68	4.63	8.74	4.91	0.12	.90	4.83

Foram realizadas correlações de Pearson entre as dimensões da Preferência de Parceiros, Escala de Vinculação no Adulto (EVA) e Experiências nas Relações Próximas-Estruturas Relacionais (ERP-ER). No resultado destas correlações verificou-se uma correlação significativa inversa de efeito pequeno, segundo os critérios de Cohen (1992), entre a dimensão Confiança nos Outros (EVA) e a dimensão Recursos (Preferência de Parceiros) ($r = -0.16$, $p < .01$). Neste estudo, também se verificou uma correlação significativa, de efeito pequeno ($r = 0.16$, $p < .01$), entre a dimensão Recursos e a dimensão Ansiedade da ERP-ER. Verificou-se igualmente uma correlação significativa, de efeito pequeno, entre a dimensão Recursos e a dimensão Evitamento da ERP-ER ($r = 0.09$, $p < .05$) (ver tabela 4).

Tabela 4

Correlações entre as variáveis em estudo

	Emocionalidade	Recursos	Atratividade/Saúde
EVA			
Ansiedade	.03	.01	.04
Conforto com a proximidade	.07	-.06	.03
Confiança nos outros	.01	-.16**	-.02
ERP-ER			
Ansiedade	.06	.16**	-.005
Evitamento	.01	.09*	.06

**p<.01, *p<.05

Foi realizada uma ANOVA para aferir se existiam diferenças de médias significativas em função dos estilos de vínculo para as variáveis das escolhas de parceiro e as variáveis da ERP-ER. Verificaram-se diferenças significativas entre as dimensões *Ansiedade* e *Evitamento* nas relações de curta duração $F(3,134) = 8.70; p < .001$ e $F(3,134) = 18.74; p < .001$, respetivamente (ver tabela 5).

Tabela 5

Médias, desvios padrão, Anova e testes Post Hoc para as preferências de parceiro e experiências em relações próximas em relação ao parceiro romântico, em função dos Estilos de Vínculo

	Seguro		Preocupado		Desligado		Amedrontado		<i>F</i>	<i>p</i>	S vs. P	S vs. D	S vs. A	P vs. D	P vs. A	D vs. A
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>								
Preferência de Parceiros																
Emocionalidade	25.22	8.10	27.93	8.54	23.77	10.18	25.07	8.74	1.22	.305						
Recursos	5.20	5.36	8.21	6.10	8.52	9.36	6.35	7.19	1.75	.160						
Atratividade	6.90	2.30	6.06	2.42	5.97	2.33	6.88	1.79	1.73	.163						
ERP-ER																
Ansiedade	20.15	7.48	27.80	9.53	25.70	10.12	31.23	9.11	8.70	.000	*	*	*			
Evitamento	7.67	3.81	13.90	4.96	10.20	4.75	14.85	4.06	18.74	.000	*		*	*		*

S – Seguro; P – Preocupado; D – Desligado; A - Amedrontado

* $p < .05$

Discussão

O principal objetivo do presente estudo foi estudar a dimensionalidade do Questionário de Preferências de Parceiro e analisar as relações existentes entre os diferentes tipos de vinculação e as Escolhas de Parceiro. Para além destas associações, procedeu-se a uma breve caracterização da amostra através dos dados sociodemográficos obtidos.

Um dado importante na estatística descritiva é que as mulheres apresentam mais graus de educação superiores, como licenciatura e mestrado do que os homens, corroborando as teorias evolucionistas de que as mulheres se aproximam cada vez mais do homem em termos financeiros e investem mais nas suas carreiras profissionais (Buss & Schmitt, 2019).

Através dos resultados obtidos observámos que as mulheres preferem que o parceiro seja mais velho. Este dado vai ao encontro das evidências científicas que prevêem comportamentos de mudança nos homens como procurar mulheres mais novas ou voltar a casar com mulheres mais novas (Conroy-Beam & Buss 2019).

A nossa amostra revelou também que a maior parte dos sujeitos se encontram numa relação de casado(a)/união de facto e que os homens têm mais relações esporádicas do que as mulheres, confirmando as investigações anteriores (Gray et al., 2018; Petersen & Hyde, 2010), que referem que a motivação sexual dos homens decorre de um desejo de ter o maior número possível de filhos e acreditar que algumas dessas crianças vão sobreviver para dar continuidade aos seus genes, ao contrário das mulheres que têm uma capacidade reprodutiva mais limitada e dispendiosa. Em conformidade com estas pesquisas, espera-se que as mulheres tenham relações sexuais num contexto de uma relação amorosa e comprometida para limitar o número de parceiros. Os homens, em contraste, podem ter sexo casual com vários parceiros sem se preocupar com as repercussões sociais, bem como comentários depreciativos, que muitas vezes acontecem a uma mulher que se envolve em comportamentos semelhantes.

A existência de três dimensões de preferências para parceiros, nomeadamente, os Recursos a Emocionalidade e a Atratividade/Saúde, em relações de curta duração, vai ao encontro da literatura. Buss (2008) e Geary (2000) referem que existe uma forte preferência num potencial companheiro que tenha recursos, mais valorizado pelas

mulheres e atratividade/saúde, como preditores de bons genes, mais valorizado pelo homem.

Com o objetivo de testar a hipótese 1, avaliaram-se as diferenças para as variáveis de preferências de parceiro e experiências em relações próximas em relação ao parceiro romântico, em função do tipo de vínculo. Encontrou-se, de facto, diferenças entre géneros para as preferências de parceiro, nas dimensões Emocionalidade e Recursos. Esta diferença traduz uma maior valorização para as mulheres de características relacionadas com estas dimensões para as relações de curta duração, tais como “bondoso/compreensivo” e “estabilidade emocional”, na emocionalidade e “bom estatuto social” e “requinte/distinção”, nos recursos, comparativamente aos homens. De acordo com o estudo de Buss (1989) que envolveu 37 culturas diferentes e com uma grande variedade em termos de religião, clima, economia, sistemas políticos e matrimoniais, verificou-se que as mulheres, mais do que os homens, priorizam uma forte preferência em companheiros que possuam recursos que possam ser investidos nas suas famílias. Relativamente à emocionalidade, Buss e Schmitt (2019) referiram que nas sociedades mais evoluídas verifica-se um aumento da igualdade entre homens e mulheres e que as mulheres investem mais nas suas carreiras profissionais e declinam mais relações a longo prazo. Desta forma podemos esperar uma maior exigência para com o parceiro e a procura da emocionalidade, que até aqui não se tinha verificado, pode ser um sinal dessa mudança. Apesar da diferença não ser significativa, verificou-se que existe uma tendência para os homens terem valores mais altos e valorizarem mais do que as mulheres a dimensão Confiança nos Outros, remetendo, assim, para a ideia de que as mulheres estão a ser mais criteriosas nas suas escolhas, como foi referido nas pesquisas de Buss e Schmitt (2019).

Com o objetivo de testar a hipótese 2, verificou-se uma correlação significativa, entre a procura de recursos, ansiedade e evitamento nas experiências em relações próximas. Isto é, indivíduos que valorizam os recursos no parceiro, manifestam sinais de ansiedade e evitamento. De acordo com Bartholomew (1990) e Altın e Terzi (2010) os indivíduos com uma vinculação ansiosa manifestam preocupações obsessivas em relação ao parceiro; manifestam ansiedade associada à preocupação de rejeição por parte do parceiro romântico. Tendem a ser mais dominados pelo medo, ansiedade e solidão; tendem a ser ciumentos; têm uma baixa autoestima; geralmente experienciam mais separações; são pouco empáticos com os sentimentos do parceiro e expressam zanga de

uma forma disfuncional. Os sujeitos com uma vinculação evitante apresentam sinais de desconforto com a intimidade e proximidade, procuram o distanciamento emocional e independência na relação com parceiro romântico, têm uma visão pessimista da relação, têm representações negativas do outro, o indivíduo encontra-se emocionalmente indisponível e sem interesse na aproximação. Tanto os ansiosos como os evitantes parecem ter maior dificuldade em estabelecer relações seguras e estáveis. Desta forma, a procura de recursos pode ser um mecanismo que evite o insucesso da relação, mas também porque estes indivíduos não têm ferramentas relacionais para se relacionar ou aproximar do parceiro a não ser através dos recursos.

Também se verificou uma correlação inversa entre a procura de recursos e a confiança nos outros, ou seja, os indivíduos quando procuram recursos tendem a ter menos confiança nos outros. Uma vez que os homens têm uma ligeira tendência a confiar mais nos outros do que as mulheres e as mulheres são as que mais procuram recursos, este resultado torna-se concordante. De acordo com a literatura, as mulheres tendem a ser mais exigentes com os seus potenciais parceiros e nas relações de curta duração parece existir uma desvalorização de traços como afetividade e confiança no parceiro (Buss & Schmitt 2019; Gangestad & Simpson (2000)).

Na hipótese 3, os testes Post Hoc revelaram que existem diferenças significativas entre os grupos de acordo com o estilo de vínculo e as experiências em relações próximas em relação ao parceiro romântico, confirmando parcialmente a hipótese. Os indivíduos seguros ao nível da ansiedade manifestam menos ansiedade do que os indivíduos preocupados, desligados e amedrontados, de forma significativa. Apenas se diferencia o grupo dos seguros, sendo que os outros grupos não evidenciam diferenças entre si, ao nível da ansiedade. Em relação ao evitamento, verifica-se que o grupo dos seguros se diferencia significativamente do grupo dos preocupados e dos amedrontados, na medida em que manifestam menos evitamento. Relativamente ao grupo dos desligados, é de referir que se diferenciam do grupo dos preocupados e dos amedrontados, uma vez que evidenciam menos evitamento. De acordo com a literatura Bartholomew e Horowitz, (1991); Griffin e Bartholomew, (1994) os indivíduos seguros apresentam modelos positivos de si próprios e dos outros, manifestando níveis baixos em ansiedade e evitamento. Por outro lado, os indivíduos preocupados à semelhança dos amedrontados manifestam um profundo sentido de auto-desmerecimento. Indivíduos preocupados

apresentam um modelo negativo do *self* e positivo dos outros. Os indivíduos amedrontados têm modelos negativos de si e dos outros, revelam níveis altos em ansiedade e evitamento, no entanto, procuram o contato e a proximidade, mas são inibidos pelo medo de rejeição ou perda. Os indivíduos desligados tendem a desvalorizar a importância de relações próximas para garantir o seu bem-estar psicológico, valorizam a autonomia e distância em detrimento da intimidade e sentem desconforto perante as necessidades relacionais dos outros.

Era esperado encontrar diferenças significativas entre as escolhas de parceiro em função dos estilos de vínculo dos indivíduos, nomeadamente, esperava-se que indivíduos com um estilo de vínculo preocupado manifestassem mais preferências ligadas aos aspetos da emocionalidade. De acordo com as pesquisas de Gangestad e Simpson (2000) os indivíduos com um estilo de vinculação preocupado (ansiedade alta, baixo evitamento) têm uma visão negativa de si próprio, mas uma visão positiva dos outros e este estilo é caracterizado pela dependência emocional dos outros e tendem valorizar de forma exagerada as questões do vínculo, procuram a proximidade, a intimidade, o envolvimento e o contato quase ao ponto de se fundirem no outro. No entanto no mesmo estudo verificou-se que os indivíduos tendem a atribuir menos importância aos traços de afetividade e confiança no parceiro. Chappell e Davis (1998), também referiram que indivíduos preocupados expressam mais emoções positivas do que indivíduos amedrontados e desligados. Os indivíduos preocupados apresentam, de alguma forma, maiores perspectivas para a segurança da relação, porque estão mais investidos de forma positiva e ativa nas relações em vez de as evitar.

Existem, de fato, diferenças, mas não são significativas. A justificação para não se observar essas diferenças sólidas pode se prender com as hipóteses do "vínculo seguro" e da "complementaridade" estudadas por Holmes e Johnson (2009). Hipótese de vínculo seguro sugere que qualquer indivíduo, seja qual for o estilo de vínculo que tenha, vai sempre, procurar e orientar a sua preferência por indivíduos seguros, oferecendo uma melhor oportunidade de segurança e uma relação emocional mais sólida (Chappell & Davis, 1998; Latty-Mann & Davis, 1996). Desta forma, os indivíduos procuram sentir segurança nas expectativas do relacionamento. A hipótese da complementaridade prevê a preferência do parceiro no sentido de confirmar as expectativas relacionadas com o estilo de vinculação. O indivíduo com um estilo de vínculo ansioso que se liga a um

indivíduo com um estilo de vínculo evitante vai poder confirmar as suas expectativas negativas em relação ao outro, enquanto que o evitante vai confirmar as expectativas do outro como dependente. Estamos perante relações entre indivíduos que confirmam as expectativas negativas dos outros, os indivíduos preferem manter uma realidade social previsível relacionando-se com os outros que correspondem às suas expectativas, permitindo a manutenção de uma autoimagem consistente.

Conclusão

Esta investigação reflete um trabalho que explora as escolhas de parceiro e os estilos de vinculação em relações de curta duração. O objetivo deste estudo consistiu em verificar em que medida os estilos de vinculação têm impacto nas escolhas de parceiro que o indivíduo faz.

Esta investigação permitiu compreender a importância da qualidade da relação com as figuras de vinculação, o seu desenvolvimento na idade adulta e as escolhas que o indivíduo faz nas escolhas de parceiro. Existem algumas pesquisas nesta área, mas ainda são escassos os estudos que relacionam os estilos de vinculação com as escolhas de parceiro, justificando a importância deste estudo. Desta forma, esta investigação pode incentivar novas pesquisas que relacionam estas variáveis.

As limitações deste estudo, prendem-se com o facto de existir uma amostra em que mais de 50% dos indivíduos se encontra numa relação de casamento/união de facto e este estudo debruça-se sobre as relações de curta duração. Esta particularidade da amostra pode ter condicionado muitas respostas. A amostra, também deveria contemplar um maior número de indivíduos associados aos estilos de vínculo preocupado, amedrontado e desligado, uma vez que a nossa amostra tem maioritariamente indivíduos seguros. Sugerimos uma seleção mais criteriosa da amostra relativamente à configuração relacional e aos estilos de vínculo. Devemos também referir a importância de ter um maior controlo de aspetos ligados às questões de desejabilidade social e aspetos ligados às respostas de um questionário que podem não ter correspondência com o comportamento real do indivíduo.

Esta investigação permite compreender a importância das relações com as figuras de vinculação e como estas podem comprometer e influenciar as respostas do indivíduo, não só na escolha de um parceiro, mas também no desenvolvimento de uma relação

amorosa. As conclusões e a revisão da literatura da presente pesquisa apoiam a ideia que os estilos de vínculo têm um papel crucial ao longo vida dos indivíduos e que os comportamentos que decorrem do estilo de vínculo definem a escolha do parceiro, bem como a formação e a manutenção de relações amorosas. Através da literatura que aborda as questões da psicologia evolutiva, observou-se que existe uma forte tendência para transformações, mudanças sociais e culturais que obrigam os indivíduos a alterar a forma como escolhem os seus parceiros, exigindo aos indivíduos comportamentos mais adaptativos. Neste sentido, o papel da psicologia clínica e da saúde é de extrema importância, no sentido, em que pode oferecer à população estratégias e ferramentas que promovam respostas mais adaptativas nas escolhas de parceiro.

Referências

- Ainsworth, M., Boston, M., Bowlby, J., & Rosenbluth, D. (1956). The effects of mother-child separation: a follow-up study. *The British journal of medical psychology*, 29(3-4), 211–247. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1956.tb00915.x>
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Individual Differences in Strange-Situational Behaviour of One-Year-Olds.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Strange Situation Procedure. PsycTESTS Dataset. doi:10.1037/t28248-000
- Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American psychologist*, 34(10), 932. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.932>
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Altın, M., & Terzi, Ş. (2010). How does attachment styles relate to intimate relationship to aggravate the depressive symptoms?. *Procedia-social and behavioral sciences*, 2(2), 1008-1015. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.03.142>
- Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, 2(3), 247–261. doi:10.1111/j.1475-6811.1995.tb00090.x
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bartholomew, K. & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guildford Press.
- Baumeister, R. F. (1982). Self-esteem, self-presentation, and future interaction: A dilemma of reputation. *Journal of personality*, 50(1), 29-45. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.91.1.3>

- Bech-Sørensen, J., & Pollet, T. V. (2016). Sex Differences in Mate Preferences: a Replication Study, 20 Years Later. *Evolutionary Psychological Science*, 2(3), 171–176. doi:10.1007/s40806-016-0048-6
- Birnbaum, G. E. (2007). Attachment orientations, sexual functioning, and relationship satisfaction in a community sample of women. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(1), 21-35. doi:10.1177/0265407507072576
- Bowlby, J. (1969/91). *Attachment and loss. vol. 1: Attachment*. London: The Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 6-64. doi:10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(3), 267–283. <https://doi.org/10.1177/0146167295213008>
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York, NY: Guilford Press.
- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559–570. doi:10.1037/0022-3514.50.3.559
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12(1), 1–14. doi:10.1017/s0140525x00023992
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual Strategies Theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100(2), 204–232. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.2.204>
- Buss, D. M. (2005). *The Handbook of Evolutionary Psychology*. John Wiley & Sons.
- Buss, D. M., & Kenrick, D. T. (1998). Evolutionary social psychology. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Orgs.), *The handbook of social psychology*, Vols. 1 and 2 (4th ed.) (p. 982– 1026). New York, NY, US: McGraw-Hill.

- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (2008). Attractive women want it all: Good genes, economic investment, parenting proclivities, and emotional commitment. *Evolutionary Psychology*, 6(1), 147470490800600116. <https://doi.org/10.1177/147470490800600116>
- Buss, D.M. (2008). *Evolutionary Psychology: The New Science of the Mind*. Boston, MA: Omegatype Typography, Inc. <https://doi.org/10.4324/9780429061417>
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate Preferences and Their Behavioral Manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70(1), 77–110. doi:10.1146/annurev-psych-010418-103408
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 156-186. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2014). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *PSICOLOGIA*, 20(1), 156. doi:10.17575/rpsicol.v20i1.381
- Chappell, K. D., & Davis, K. E. (1998). Attachment, partner choice, and perception of romantic partners: An experimental test of the attachment-security hypothesis. *Personal Relationships*, 5(3), 327–342. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00175.x>
- Chris Fraley, R., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4(2), 131-144. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1997.tb00135.x>
- Chopik, W. J., Edelstein, R. S., & Fraley, R. C. (2013). From the cradle to the grave: Age differences in attachment from early adulthood to old age. *Journal of personality*, 81(2), 171-183. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2012.00793.x>
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155–159. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.112.1.155>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>

- Collins, N., & Read, S. (1994). Cognitive representations of adult attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 53-90). London: Jessica-Kingsley.
- Collins, W. A. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13(1), 1-24. doi:10.1111/1532-7795.1301001
- Conroy-Beam, D., & Buss, D. M. (2015). Part VI: Culture and Coordination. *The Handbook of Evolutionary Psychology*, 1-3. doi:10.1002/9781119125563.evpsych2p6
- Conroy-Beam, D., & Buss, D. M. (2019). Why is age so important in human mating? Evolved age preferences and their influences on multiple mating behaviors. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 13(2), 127. <https://doi.org/10.1177/0146167217739262>
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment.
- DeVellis, R. F. (2017). *Scale development: Theory and applications* (4.^a ed.). SAGE.
- Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Journal of family Psychology*, 22(4), 622. <https://doi.org/10.1037/a0012506>
- Duemmler, S. L., & Kobak, R. (2001). The development of commitment and attachment in dating relationships: Attachment security as relationship construct. *Journal of adolescence*, 24(3), 401-415. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0406>
- Figueredo, A. J., Sefcek, J. A., & Jones, D. N. (2006). The ideal romantic partner personality. *Personality and Individual Differences*, 41(3), 431-441. doi:10.1016/j.paid.2006.02.004
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships—Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological assessment*, 23(3), 615. <https://doi.org/10.1037/a0022898>
- Frazier, P. A., Byer, A. L., Fischer, A. R., Wright, D. M., & DeBord, K. A. (1996). Adult attachment style and partner choice: Correlational and experimental

- findings. *Personal Relationships*, 3(2), 117-136. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1996.tb00107.x>
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, 23(4), 573–587. doi:10.1017/s0140525x0000337x
- Geary, D. C. (2000). Evolution and proximate expression of human paternal investment. *Psychological bulletin*, 126(1), 55.
- Gray, S., & Rarick, S. (2018). Exploring gender and racial/ethnic differences in the effects of child sexual abuse. *Journal of child sexual abuse*, 27(5), 570-587. <https://doi.org/10.1080/10538712.2018.1484403>
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 430-445. DOI:10.1037//0033-2909.126.1.55
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. doi:10.1037/0022-3514.52.3.511
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationship. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22 https://doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1
- Holmes, B. M., & Johnson, K. R. (2009). Adult attachment and romantic partner preference: A review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(6-7), 833–852. doi:10.1177/0265407509345653
- IBM Corp. (2021). *IBM SPSS Statistics for Windows, Version 28.0*. Armonk, NY: IBM Corp
- Jonason, P. K., & Buss, D. M. (2012). Avoiding entangling commitments: Tactics for implementing a short-term mating strategy. *Personality and Individual Differences*, 52(5), 606-610. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.015>
- Kirsner, B. R., Figueredo, A. J., & Jacobs, W. J. (2003). Self, friends, and lovers: structural relations among Beck Depression Inventory scores and perceived mate values. *Journal of Affective Disorders*, 75(2), 131–148. doi:10.1016/s0165-0327(02)00048-4

- Kurdek, L. A. (2002). On being insecure about the assessment of attachment styles. *Journal of social and Personal Relationships*, *19*(6), 811-834. <https://doi.org/10.1177/0265407502196005>
- Li, N. P., & Kenrick, D. T. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: what, whether, and why. *Journal of personality and social psychology*, *90*(3), 468.
- Little, A. C., Jones, B. C., Penton-Voak, I. S., Burt, D. M., & Perrett, D. I. (2002). Partnership status and the temporal context of relationships influence human female preferences for sexual dimorphism in male face shape. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences*, *269*(1496), 1095-1100. <https://doi.org/10.1098/rspb.2002.1984>
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the society for research in child development*, 66-104. <https://doi.org/10.2307/3333827>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). Adult attachment orientations and relationship processes. *Journal of Family Theory & Review*, *4*(4), 259-274. doi: 10.1111/j.1756-2589.2012.00142.x
- Mikulincer, M., Gurwitz, V., & Shaver, P. R. (2007). Attachment Security and the Use of God as a Safe Haven: New Experimental Findings. PsycEXTRA Dataset. doi:10.1037/e675742007-001
- Mintz, A.S., (2004). Vinculação, Casal e Família. Em: Guedeney, N. & A. (Eds), *Vinculação: conceitos e aplicações*. 1ª edição, Climepsi.
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2014). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the Experiences in Close Relationships – Relationship Structures Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, *97*(1), 22-30. doi: 10.1080/00223891.2014.950377
- Myers, T., Limke-McLean, A., & Jones, P. C. (2016). I´ m secure, but youre not: Implication of attachment matches for conflict resolution and relationship satisfaction. *Journal of Scientific Psychology*, 39-48.

- Najman, J. M., Dunne, M. P., Purdie, D. M., Boyle, F. M., & Coxeter, P. D. (2006). Sexual Partner Preferences. *Marriage & Family Review*, 40(1), 5–23. doi:10.1300/j002v40n01_02
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2015). Romantic attachment and family functioning: The mediating role of marital satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3482–3495. doi:10.1007/s10826-015-0150-6
- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993–2007. *Psychological bulletin*, 136(1), 21. <https://doi.org/10.1037/a0017504>
- Ren, D., Arriaga, X. B., & Mahan, E. R. (2016). Attachment insecurity and perceived importance of relational features. *Journal of Social and Personal Relationships*, 34(4), 446–466. doi:10.1177/0265407516640604
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1995). Accommodation and attachment representations in young couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 389–401. <https://doi.org/10.1177/0265407595123004>
- Shaver, P. R., Hazan, C. & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 68-99). New Haven, CT: Yale University Press.
- Shaver, P., & Mikulincer, M. (2002). Dialogue on adult attachment: Diversity and integration. *Attachment and Human Development*, 4 (2), 243-257. Doi 10.1080/14616730210157484.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2014). Attachment bonds in romantic relationships. In M. Mikulincer & P. R. Shaver (Eds.), *Mechanisms of social connection: From brain to group* (pp. 273-290). Washington, DC: American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14250-016>
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971–980. doi:10.1037/0022-3514.59.5.971
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13(1), 19-24. doi: 10.1016/j.copsyc.2016.04.006

- Swann, R. L., Laskowski, D. A., McCall, P. J., Kuy, K. V., & Dishburger, H. J. (1983). A rapid method for the estimation of the environmental parameters octanol/water partition coefficient, soil sorption constant, water to air ratio, and water solubility. In *Residue reviews* (pp. 17-28). Springer, New York, NY.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child development*, 1184-1199.
- Tadinac M, Hromatko I. (2007). Own mate value and relative importance of a potential mate's qualities. *Stud. Psychol.* 49(3):251–64
- Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development: Familiar questions, new answers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (p. 348–365). The Guilford Press.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Reevaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (p. 436–455). The Guilford Press.